



PERSONAGENS E ESCRITOR *EN ABYME*: UM ESTUDO DE O ESPELHO PARTIDO

Altamir Botoso¹

[...] uma caixa que tiramos de dentro de outra caixa, que por sua vez contém outra caixa, e assim sucessivamente, até o infinito.

(Mourão, 1971, p. 91 apud Carvalho, 1983, p. 107)

[...] a obra de arte reflexiva é uma representação, mas dotada de grande força de coesão interna.

(Dällenbach, 1991, p. 87, tradução nossa)

O escritor Marques Rebelo (1906-1973) escreveu romances, contos, obras infanto-juvenis, uma peça de teatro, crônicas, textos críticos (estudos bibliográficos sobre Manuel Antônio de Almeida). Dentre a sua produção ficcional, a estudiosa Mariângela Alonso selecionou a trilogia *O espelho partido*, composta de *O trapicheiro* (1959), *A mudança* (1962) e *A guerra entre nós* (1968), como objeto de estudo, concentrando-se nas figuras femininas e suas retomadas e recriações ao longo desses três volumes.

Alonso, em seu livro, utiliza os pressupostos teóricos da *mise en abyme*, “não simplesmente como narrativas que se encaixam na narrativa maior, mas como personagens que nascem de outras personagens” (Vidal, 2024, p. 9), persistindo determinados perfis que se desdobram e se ampliam, estabelecendo uma conexão da trilogia com obras precedentes de Rebelo. Nesse sentido, em *Mulheres em abismo*, é possível observar que sua autora consegue demonstrar

o nexo de continuidade entre as personagens femininas no conjunto da obra de Marques Rebelo desde seu livro de estreia, o volume de contos *Oscarina* (1931) até *A guerra está entre nós* (1968), [...]. Emergem assim, em sua interpretação do romance, as semelhanças e parentescos entre as personagens femininas de contos e romances publicados pelo leitor antes de se lançar à composição de sua obra maior, bem como o reaparecimento nas páginas da trilogia de diversas figuras de seus contos e romances anteriores. [...] (Frunghillo, 2024, p. 12).

Não resta dúvida de que Alonso, por meio de seu primoroso estudo, resgata um escritor bastante relevante para a literatura brasileira e que tem recebido pouca atenção da crítica ultimamente. Antes da referida estudiosa, nota-se que outros críticos já haviam observado, *en passant*, o resgate e a recuperação de textos e personagens rebelianos:

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Docente do curso de Letras/Espanhol e do PPG em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

[...] podemos reencontrar, nas páginas de *O espelho partido*, além da incorporação quase que integral de alguns contos anteriormente publicados pelo autor à matéria do romance, algumas personagens de outras de suas obras, como Lenisa Máier, [...].

[...] o reaproveitamento de material ficcional de seus romances e contos anteriores também permite vê-los sob uma nova luz: é possível agora perceber o quanto aquelas obras, especialmente alguns contos, tinham de material autobiográfico. Alguns desses contos quase que totalmente reutilizados dentro da narrativa maior de *O espelho partido* são obviamente fragmentos da vida do próprio autor, o que mostra que desde o início de sua carreira o memorialista já se escondia por trás do ficcionista. Apenas faltava a esses fragmentos a moldura da inserção no fluxo da história. Realizando isso em seu romance cíclico, Marques Rebelo deu a essas histórias suburbanas um novo sentido. [...] (Frunghillo, 2001, p. 241-242).

Conforme se verifica, não só há retomadas de personagens, mas também fragmentos textuais da obra anterior de Rebelo reaparecem e assumem novos significados no seu romance cíclico. Essas recorrências de personagens e textos configuram construções em abismo, como acertadamente constata Alonso nas suas análises. Seu estudo encontra-se dividido em uma introdução e duas partes. A primeira centra-se nas representações femininas e de crianças que perpassam o enredo dos três livros. Na segunda, as observações se voltam para a questão do autor *en abyme*, por meio do personagem narrador Eduardo e de outros escritores que são mencionados ao longo dos volumes que compõem a trilogia.

A introdução, que recebe o título de “O espelho, o prisma e o mosaico”, abarca um panorama teórico a respeito da *mise en abyme* e aponta os principais teóricos e as teorias sobre essa técnica. Além disso, expõe-se claramente o objetivo do livro que é a investigação da personagem feminina de Marques Rebelo e sua construção especular. No trajeto analítico, nota-se que ocorre um resgate de personagens femininas de obras anteriores e a especularidade contida na sua caracterização, “o que condiz com o processo narrativo mediado pelo procedimento estrutural da *mise en abyme* que desvela os artifícios do texto rebeliano, de modo a demarcar a linguagem” (Alonso, 2024, p. 23) que se volta sobre si mesma. Concomitantemente a essa interpretação, é possível também estudar os valores estéticos e sociais que caracterizam o projeto literário do autor de *Marafa*.

São elencados nessa parte os principais estudiosos da *mise en abyme* e são recuperadas suas ponderações teóricas sobre esse artifício literário que se insere nos estudos da intertextualidade. Desse modo, mencionam-se Lucien Dällenbach, Jean Ricardou, Claude Magny e até mesmo o romancista André Gide que, além de escrever obras ficcionais,

contribuiu para que se formulassem os aspectos teóricos mais relevantes dessa técnica, que perpassa a literatura ocidental, desde as suas origens até a contemporaneidade:

Não é demais lembrarmos que a presença da *mise en abyme* é identificada desde os primórdios da história literária. Para ficarmos no terreno da tradição, podemos pensar, por exemplo, nas obras poéticas de Homero, no canto XIV da *Odisseia*, quando a narrativa interna que reflete a história moldura do poema mostra-nos Odisseu construindo com maestria sua própria narrativa. Ou, ainda, no canto VI da *Iliada*, no momento em que a poesia encontra-se consigo mesma, revelando o traço autorreferente no diálogo antecipatório de Helena com Heitor: “Sobre nós fez Zeus abater um destino doloroso, para que no futuro / sejamos tema de canto para homens ainda por nascer” (Homero, 2007, p. 357-358). (Alonso, 2024, p. 29).

Não é só em obras clássicas como as de Homero, que o recurso da *mise en abyme* foi empregado, mas ele acompanhou as transformações e inovações dos textos literários e continuou a ser utilizado amplamente. A partir da década de 1950, com o advento do *Nouveau roman*, os autores dessa corrente, optaram por fazer uso da construção em abismo, fazendo com que ela ganhasse “notoriedade crítica mostrando-se elástica nas pesquisas em torno da reflexividade” (Alonso, 2024, p. 28).

Partindo das colocações de André Gide a respeito da heráldica, segundo a qual um escudo contém em seu centro uma espécie de miniatura de si mesmo, desvelando um processo de profundidade e infinito, sugerindo noções de reflexo e espelhamento no âmbito literário, o ensaísta suíço Lucien Dällenbach formulou, em *Le récit spéculaire* (1977), uma definição de *mise en abyme* considerando-a como todo enclave que mantenha uma relação de semelhança com a obra que o contém. Esse procedimento agrupa realidades distintas e pode ser resumido por meio de três figuras de acordo como tipo de reflexão/reduplicação estabelecido: reflexão simples, infinita e aporística.

Em um estudo posterior, *Mosaïques: un objet esthétique à rebondissements* (2001), Dällenbach vai ampliar e aprofundar seus estudos anteriores, estendendo o fenômeno da *mise en abyme* à sociedade como um todo e o articulando à metáfora prismática e fragmentária do mosaico no campo das artes e da literatura, enfatizando a sua incompletude e ressaltando o destaque ao fragmento e à equivalência hierárquica entre os fragmentos.

A imagem do espelho partido, título do romance cíclico rebeliano, que atravessa não somente a trilogia, mas também toda a obra do autor, assinala as esferas de inacabamento e fragmentação, que são próprias de uma literatura caleidoscópica conectada ao seu tempo (os anos de 1936-1944) e refletindo a sociedade desse período.

Encerrando a introdução, Alonso aponta que irá recorrer às dimensões prismáticas e social da obra literária para entender e captar a esfera social da narrativa selecionada como

corpus de análise e salientar os diferentes papéis a que estão sujeitas as personagens femininas, estudando a sua conformação e os modos pelos quais elas atravessam a obra rebeliana, com caracterizações e abordagens duplicadas.

A primeira parte do livro, “Cornucópia de mulheres”, tem início com a delimitação de dois grupos de mulheres e um de crianças e suas construções que espelham personagens de obras anteriores à trilogia. Em relação aos dois grupos de mulheres, elas são subdivididas em “liberais e desviantes” e “rainhas do lar”.

As representações femininas liberais e desviantes encontram-se à margem da sociedade, em espaços de trânsito, e acabam não se adequando a funções específicas, ficam confinadas a uma espécie de limiar, ocupam um não lugar “desviante”, que se caracteriza pela falta de pertencimento e plenitude. Ao assumir os papéis de domésticas, datilógrafas, intelectuais, cantoras, radioatrizes, vislumbram-se imagens de mulheres que apresentam uma condição inferior em relação aos homens na sociedade e, pior ainda, aquelas que não se submetem ao jugo masculino passam a ser consideradas como transgressoras da ordem ou do sistema patriarcal, o qual busca atribuir à mulher o papel de reprodutora e subordinada.

O segundo grupo, o das rainhas do lar, vai corresponder a personagens que em sua maioria seguem os valores e os modelos difundidos pelo patriarcado, e almejam ser amparadas pelo casamento. Apesar disso, essa configuração pode apresentar outros matizes, como tentativas de emancipação mediante o trabalho livre e o acesso à educação escolar.

As personagens infantis femininas não se enquadram nas categorias de “desviantes” ou “do lar”, mas tal como estas, são retomadas de obras anteriores, recriadas e ampliadas ao longo da trilogia. Dessa forma, o emprego da *mise en abyme* possibilita a construção de figuras femininas adultas e infantis geminadas, umas gerando outras, “ao modo de infinitas bonecas russas” (Alonso, 2024, p. 114).

A concepção de personagens duplicadas na obra de Marques Rebelo permite a comprovação de uma escrita em fractal, de acordo com Alonso (2024, p. 115). Os fractais são figuras geométricas, cujas partes repetem/refletem, de maneira exata ou aproximada, sua totalidade. Da mesma maneira que os objetos fractais, o universo ficcional rebeliano é composto por diversas microestruturas embutidas que mantêm uma relação de semelhança com a macroestrutura de *O espelho partido*.

Na parte dois, “O autor *en abyme* ou a consciência autoscópica”, a autora de *Mulheres em abismo* empreende um percurso analítico com a intenção de desvelar o “autor *en abyme*”, uma instância que se integra à teoria da *mise en abyme*, em conformidade como as formulações de Alain Goulet (2006), em “L'auteur mis en abyme (Valéry et Gide)”. Esse tipo de autor surge na gênese do texto, “nas condições e circunstâncias da escrita, como se o próprio autor olhasse a si mesmo e o mundo a sua volta de um ponto de vista distante e elevando” (Alonso, 2024, p. 134). Ao longo da trilogia, Eduardo, o narrador personagem, é o autor *en abyme*, que reflexiona sobre o seu processo de escrita, retoma obras de sua carreira literária que possibilitam que o leitor identifique como os próprios livros de Marques Rebelo, em um processo de especularidade contínuo. Além disso, no enredo aparecem autores nacionais de renome como Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), Mário de Andrade (1893-1945), e ainda menção a Arnaldo Tabaiá (1901-1937), um escritor praticamente esquecido pelos leitores e pelos críticos.

Ao finalizar a leitura do acurado estudo de Alonso, verifica-se que essa estudiosa, além de trazer ao centro das discussões um autor que se encontrava um pouco negligenciado pelos meios acadêmicos, oferece novos pontos de vista a respeito da técnica da *mise en abyme*, ampliando o seu escopo teórico, que se voltava particularmente para a questão da obra encaixada dentro de outra e buscou enfocar o universo das personagens rebelianas, resgatadas de obras anteriores à trilogia, as quais ressurgem e possibilitam novas interpretações, amplificando seus perfis problemáticos. Além disso, discutiu a representação narcísica do escritor dentro do texto (o autor *en abyme*), o qual no ato de escrevê-lo, revela também elementos de seu processo de escrita, aproximando o escritor empírico da criação ficcional por meio de movimentos especulares dentro do enredo.

Mulheres em abismo é uma contribuição relevante para a fortuna crítica de Marques Rebelo e para os estudos sobre a *mise en abyme*, um assunto que conta com uma bibliografia bastante incipiente no nosso país. Essa obra vale-se de um instrumental teórico atualizado, que é empregado com precisão, resultando em análises aprofundadas a respeito de personagens e da figura do autor dentro do universo romanesco rebeliano.

Para Jacques Derrida (1995, p. 76), “quando se pode ler um livro no livro, uma origem na origem, um centro no centro, é o abismo, o sem fundo da reduplicação infinita”. Mas essa leitura pode aumentar, se dilatar, até atingir o âmbito dos personagens e favorecer a descoberta de que um personagem pode estar dentro de outro(s) personagem(ns) na obra de um mesmo autor, como o fez Alonso, nesse esforço de abarcar uma obra monumental e se

arriscar em um território vislumbrado e apenas tangenciado por alguns críticos. Vale frisar que tal esforço foi bem-sucedido e seu livro, certamente, será muito útil para professores e estudantes dos cursos de letras e áreas afins.

Referências

ALONSO, Mariângela. *Mulheres em abismo: a personagem feminina em Marques Rebelo*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024. 165p.

CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia*. São Paulo: Ática, 1983.

DÄLLENBACH, Lucien. *El relato espejular*. Traducción de Ramón Buenaventura. Madrid: Visor, 1991.

DÄLLENBACH, Lucien. *Mosaïques: un objet esthétique à rebondissements*. Paris: Seuil, 2001.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FRUNGILLO, Mário Luiz. *O espelho partido: história e memória na ficção de Marques Rebelo*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2001.

FRUNGILLO, Mário Luiz. Apresentação. In: ALONSO, Mariângela. *Mulheres em abismo: a personagem feminina em Marques Rebelo*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024. p. 11-12.

GOULET, Alain. L'auteur mis en abyme (Valéry et Gide). *Lettres Françaises*. Araraquara-SP, Departamento de Letras Modernas, Unesp-Fclar, n. 7, 2006, p. 39-58. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/2013/1642>. Acesso em: 04 fev. 2025.

VIDAL, Ariovaldo José. Prefácio. In: ALONSO, Mariângela. *Mulheres em abismo: a personagem feminina em Marques Rebelo*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024. p. 9-10.

Recebido em: 13/02/2025; **Aceito em:** 19/08/2025